

Relato das Experiências Vivenciadas no Ambiente de Aprendizagem Projetado no Observatório de Pesquisa e Prática em Administração-OPPA

Autoria: Mary Dayane Souza Silva, Gabriela Tavares dos Santos

Resumo

Este artigo objetiva descrever as contribuições do ambiente de aprendizagem projetado no Observatório de Pesquisa e Prática em Administração (OPPA) nas experiências vivenciadas pelos alunos de graduação em Administração. O observatório localiza-se na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e faz parte do Núcleo de Estudos em Aprendizagem e Conhecimento (NAC) vinculado ao programa de pós-graduação em Administração da UFPB. De natureza qualitativa, a presente pesquisa foi realizada com os alunos do 8º semestre do curso de Administração da UFPB matriculados na disciplina Processo Decisório e Desenvolvimento Gerencial no primeiro semestre de 2015. Os resultados revelaram que o ambiente projetado no OPPA contribui no processo de aprendizagem, provocando sensações estimuladoras e participativas em sala de aula, ao permitir que os estudantes possam trocar experiências, dialogar com os demais colegas e auxiliar no andamento da aula. Além disso, o OPPA proporciona conforto, sensação de segurança e tranquilidade nos momentos vivenciados, o que permite e auxilia na concentração, na criatividade e até nos processos de reflexão. Assim, conclui-se que as experiências ocorridas por meio de um ambiente de aprendizagem centrado na aprendizagem do aluno proporcionado no OPPA contribuíram significativamente na aprendizagem, formação e a atuação profissional dos alunos envolvidos na pesquisa. Além da visão transformativa dos espaços físicos de aprendizagem em ambientes de aprendizagem que suportem atividades multidisciplinares, de ensino-equipe, interativas e desvinculadas de limitações que possam restringir o processo de formação, ao inseri-los num ambiente que envolva aluno, professor e conhecimento de modo físico, interacional e contextual, que permita trocas de experiências.

Palavras-chave: Ambiente de Aprendizagem; Ambiente Físico; Espaço de sala de aula; Experiências; Observatório de Pesquisas e Práticas em Administração (OPPA).

1 INTRODUÇÃO

A educação tem ampliado seu alcance para não depender única e exclusivamente de um modelo que tem como base um ensino passivo de aprendizagem, uma vez que no âmbito educacional, especialmente a aprendizagem, ganhou configurações que transformam a maneira como os indivíduos aprendem ao vivenciar novas experiências no ambiente (WARGER; SERVE; DOBBIN, 2009).

Ao pensar em uma sala de aula no ano de 1980, por exemplo, como o ambiente de aprendizagem era caracterizado? Um professor em frente a um grupo de estudantes sentados em mesas em fileiras escrevendo e tomando notas em papel, possivelmente, com algumas interações entre os alunos e o professor, e provavelmente quase nenhuma interação entre os alunos. Ao analisar o ambiente da sala de aula no século XXI o *layout* não apresentou muita diferenciação, exceto que na maioria das salas de aulas existem recursos tecnológicos de apoio ao ensino, tais como projetores, computadores, acesso à internet, sistemas de som, entre outros, que contribuem com a transmissão de informações no espaço educacional, uma vez que estendem os limites da sala de aula e começam a transformá-lo em ambientes de aprendizagens (WARGER; SERVE; DOBBIN, 2009).

O espaço torna-se ambiente quando inclui um sentido mais amplo do lugar no qual a aprendizagem ocorre, assim como dos indivíduos que participam e da cultura que estão situados. O antigo espaço de aprendizagem continua a ser o coração da organização educacional. Entretanto, as mudanças constantes do ambiente exigem que os educadores ampliem a visão sobre as formas mais eficazes de aprender influenciados pelo novo ambiente ao seu redor (WARGER; SERVE; DOBBIN, 2009).

Para contribuir nos estudos sobre o ambiente de aprendizagem e uma alternativa para reduzir a escassez de estudos sobre o ambiente de aprendizagem no contexto do ensino de administração e também partindo do pressuposto que o ambiente pode facilitar ou dificultar a aprendizagem dos alunos (MERRIAM; BROCKETT, 2007; SILVA *et al*, 2012), este estudo tem como objetivo descrever as contribuições do ambiente de aprendizagem projetado no Observatório de Pesquisa e Prática em Administração (OPPA) nas experiências vivenciadas pelos alunos de graduação em Administração. O presente observatório localiza-se na UFPB e faz parte do Núcleo de Estudos em Aprendizagem e Conhecimento (NAC) vinculado ao programa de pós-graduação em Administração da referida instituição.

O artigo está estruturado em quatro seções além da introdução. A próxima seção aborda o referencial teórico e discorre sobre os espaços de sala de convencional e do OPPA. A seção 3 expõe as escolhas metodológicas da pesquisa e a seção 4 apresenta e discute os resultados do estudo. A última seção relata as considerações finais do estudo e as referências.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 DO ESPAÇO DE SALA DE AULA CONVENCIONAL A PROJEÇÃO DE UM AMBIENTE DE APRENDIZAGEM

Durante décadas, foram criados de espaços físicos de salas de aulas que promovem um modelo de ensino baseado na produção de uma educação voltada tão somente a transferência de informações entre docentes e discentes (OBLINGER, 2006), que tem levado a mecanização do processo de ensino-aprendizagem dos indivíduos e sua reprodução de maneira frequente em espaços de salas de aulas.

Vivenciar um espaço de sala de aula é algo comum para alunos em processo de formação educacional e profissional, e tais espaços normalmente seguem estruturas convencionais em que o saber é construído de forma objetiva e direta. Por outro lado, existem ambientes de aprendizagem que buscam refletir uma visão mais centrada na natureza do conhecimento e no papel do aluno como construtor do saber, bem como dá importância do contexto experiencial como elemento chave no entendimento e na natureza dessa aprendizagem (KUIJPERS; MEIJERS; GUNDY, 2011). Assim, tem-se de um lado uma visão de um contexto de aprendizagem mais positivista ou tradicional, e do outro um olhar mais construtivista.

A partir de uma orientação positivista a aprendizagem é tida como um processo de acúmulo de informações no qual o aprender seria resultado de uma mudança no comportamento ocasionada por um reforço seletivo (SILVA, 2008). Esse modelo assume que a mente funcionaria como um espelho da realidade e não como um intérprete desta. Assim o objetivo seria apenas transferir conhecimentos de um indivíduo para outro, sendo recuperados posteriormente de modo a avaliar se a transferência do conhecimento de fato ocorreu. Já no olhar construtivista a realidade diferencia-se de indivíduo para indivíduo com base em suas experiências. O conhecimento é construído pelo sujeito quando há interação entre o conhecimento existente, as novas experiências e sua relação com o ambiente no qual se encontra inserido, essa aprendizagem é tida como um processo que constrói significados,

transforma compreensões, e a realidade é percebida pelo sujeito de um modo não objetivo (SILVA, 2008).

O ambiente de ensino configura-se preponderantemente a partir da abordagem tradicional da educação, no qual a figura do professor é representada por um agente central no processo de aprendizagem e que traz as informações prontas e, que limitam o indivíduo unicamente a escutá-lo, cujos conteúdos são transmitidos e os modelos mentais imitados e, progressivamente passam a ser gravados nas mentes dos alunos (KUUSKORPI; FINLAND; GONZÁLEZ, 2011). Uma das decorrências desse tipo de ensino em que a aprendizagem consiste unicamente na aquisição, demonstração e transmissão de conhecimento caracteriza uma formação estereotipada de automatismos, geralmente isolados ou aplicáveis, quase sempre, a situações idênticas as que foram adquiridas. O indivíduo que aprende dessa maneira apresenta apenas uma compreensão parcial do problema, preocupando-se mais com a variedade de conceitos e informações do que com a atuação ativa e a formação do pensamento reflexivo.

O indivíduo só passa a atuar ativamente no processo de aprendizagem quando passa a construir diferentes entendimentos a partir do processo de interação (FENWICK, 2003). Jean Piaget, em 1966, após observar como crianças por meio de brincadeiras apreendiam, sugeriu que a aprendizagem resultaria da interação entre os sujeitos e os objetos em seu ambiente. Os indivíduos às vezes assimilavam conhecimentos sobre os novos objetos, incorporando-os na construção do seu conhecimento pessoal. E, outras vezes adaptavam essas construções quando confrontadas com novas experiências que poderiam contradizer seus conhecimentos anteriores (FENWICK, 2003).

Em ambientes de ensino tradicionais, os alunos muitas vezes não têm a oportunidade de desenvolver uma aprendizagem ativa, uma vez que apenas absorvem as informações que lhe são apresentadas passivamente (FENWICK, 2003). Embora todos os sujeitos estejam inevitavelmente envolvidos em alguma forma de direcionamento de aprendizagem, a atuação ativa exige um autodirecionamento que seja capaz de levá-lo a alcançar a chave para uma aprendizagem de sucesso dentro do ambiente escolar e no contexto profissional (LOYENS; GIJBELS, 2008) que possibilite a construção de um ambiente que permita aos indivíduos reconhecerem e refletirem sobre suas próprias ideias e dialogarem com outras pessoas que expressem pontos de vistas diferentes dos seus, avaliação essa possível por meio de uma reflexividade sobre a implicação dessas ideias ao contrapô-las com as teorias em estudo.

O encorajamento entre a reflexividade e o conhecimento científico de modo a estabelecer um elo entre os dois, possibilita que esse conhecimento não seja simplesmente apreendido mecanicamente mais ativamente construído, uma vez que o sujeito passa a ser agente do ato de aprender. De um modo geral, as interações proporcionadas pelo ambiente são apontadas como um caminho por meio do qual é possível incrementar o processo de aprendizagem e o seu desenvolvimento, o qual tem tornado mais efetivo o impacto desse ambiente na trajetória de vida dos sujeitos, seja em nível educacional, social ou profissional (RADOVAN; MAKOVEC, 2015).

Os novos ambientes de aprendizagem, termo usado para referenciar um contexto de ensino que pretende desenvolver um ambiente educacional capaz de melhorar o processo de aprendizagem e responder aos desafios do ensino, são principalmente, mas não exclusivamente, enraizados na teoria construtivista (LOYENS; GIJBELS, 2008). A essência do construtivismo é a construção do conhecimento de forma ativa pelo indivíduo, que ao fazê-lo constrói e transforma a compreensão do conhecimento e não apenas adquire e acumula informações (LOYENS; GIJBELS, 2008). O ambiente nessa perspectiva atua como uma estrutura dinâmica, específica, que age como lugar de destaque da aprendizagem realizada preferivelmente no âmbito escolar de forma sistematizada (DORMAN; FISHER; WALDRIP, 2006).

Entretanto, a aprendizagem não se desenvolve de forma estruturada e objetiva somente em um espaço de sala de aula tradicionalmente estruturado, mas durante a vida das pessoas por meio de vivências de diversas experiências que delineiam seus planos individuais, que em determinado momento de suas vidas vão interferir em sua visão do mundo, em suas atitudes e em seus procedimentos diante de determinadas situações (SILVA, 2008). Essas relações estabelecidas por meio do ambiente sugerem que a aprendizagem deve levar em consideração que os processos de aprendizagem também acontecem por meio de interações nos relacionamentos, no trabalho a ser desempenhado e na troca de experiência que favoreçam a ocorrência do aprendizado.

Os ambientes de aprendizagem permitem o desenvolvimento e o engajamento dos indivíduos por meio de atividades nos mais variados níveis de complexidade, ao possibilitar a ressignificação de contextos nos quais há um vínculo entre conhecimentos e habilidades sobrepostas por experiências concretas, que tem o poder de atuar como catalisadores na construção individual e coletiva do conhecimento, ao garantir uma interação profunda entre sujeito e o contexto (HANNAFIN; LAND, 1997). Portanto, o ambiente passa a exercer influências no sentido de compreender a interação entre o sujeito que aprende e o contexto de aprendizagem constituído, tornando-se imprescindível quando se trata de contribuir continuamente com a formação, a partir de uma perspectiva que contempla a dimensão tácita do conhecimento e privilegia as interações práticas informais do próprio ambiente físico bem como das experiências individuais e coletivas tanto casuais como espontâneas, nas quais os indivíduos podem compartilhar com outros seus anseios, dúvidas, insatisfações ou até mesmo expectativas a respeito do curso.

Logo, os estudos sobre os ambientes de aprendizagem devem se concentrar em ir além das especificidades do currículo, as quais não devem examinar apenas se os objetivos institucionais, principalmente, em efeitos cognitivos foram alcançados, tais como o desempenho acadêmico dos alunos em sala de aula (LOYENS; GIJBELS, 2008), mas também refletir acerca de suposições fundamentais sobre a natureza da aprendizagem, a estrutura do ambiente e o papel desses sujeitos no processo de aprendizagem (HANNAFIN; LAND, 1997). Como, então, estruturar espaços de aprendizagem (KOLB; KOLB, 2009) que projetem um ambiente de aprendizagem que conduza a construção do conhecimento ativamente pelo aluno?

2.2 O AMBIENTE DO OBSERVATÓRIO DE PESQUISA E PRÁTICA EM ADMINISTRAÇÃO (OPPA)

O Observatório de Pesquisa e Prática em Administração (OPPA) foi criado a partir de um projeto aprovado no edital Universal de 2011. Além do apoio financeiro recebido do CNPq, a organização do ambiente também teve o apoio da CAPES e da UFPB. O OPPA envolve uma área de 110 m², com equipamentos e infraestrutura física que possibilitam a realização de estudos com alunos para avaliar o impacto da difusão de processos de aprendizagem ativa na formação de Administradores (Ver Figura 01 e 02).



Figuras 01 e 02. Imagem interna do Ambiente de Aprendizagem do OPPA.

Fonte: Imagens cedidas pelo coordenador do projeto (2015).

O ambiente físico do OPPA foi projetado para ser um ambiente educacional em que o ato de pesquisar e ensinar são indissociáveis. É um espaço em que são realizadas pesquisas interdisciplinares, mas também possibilita uma interação aluno-professor de forma frequente.

O OPPA é um espaço que fomenta ações voltadas a um processo de aprendizagem continuada, um espaço de convivência dos pesquisadores do NAC, um lugar de reflexão, um espaço dinâmico, com móveis flexíveis e com recursos tecnológicos capazes de criar oportunidades de aprendizagem individual e coletiva. Todo o complexo promove um ambiente de engajamento, de interação, de ensino, de trabalho em equipe, e de desenvolvimento de estudos e pesquisa centrados nos processos e estratégias de aprendizagem ativa a partir de um ambiente que estimule o desenvolvimento de competências profissionais dos alunos.

A partir da estruturação deste ambiente de aprendizagem físico e uso de recursos tecnológicos de aprendizagem, no ano de 2014 foi aprovado um outro projeto de pesquisa financiado pelo Edital Universal do CNPq que objetiva implantar um sistema de aprendizagem em ação para a educação em administração, e dentre os seus objetivos pretende-se avaliar as implicações da difusão de estratégias de ensino ativa na aprendizagem, “com ênfase na valorização das experiências dos alunos, na avaliação de seus estilos de aprendizagem, assim como no estímulo ao desenvolvimento da capacidade de reflexão como indutora e propulsora da aprendizagem” (SILVA, 2014, p.17). O observatório realiza atividades de pesquisas e estudos que envolvem alunos de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

O OPPA foi idealizado a partir da necessidade de criar um espaço de aprendizagem capaz de ajudar os alunos a atuarem de forma mais ativa e reflexiva nos processos de aprendizagem. Os estudos realizados e em desenvolvimento incorporam o ambiente de aprendizagem como uma dimensão determinante e articuladora de todas as dimensões do sistema de aprendizagem em ação (SILVA, 2014). Considera-se que o ambiente físico pode potencializar a aprendizagem (CONSUEGRA; ENGELS; STTRUYVEN, 2014; DART *et al*, 1999; DAY, 2009; DORMAN, 2002; OBLINGER, 2006), ao legitimar um ambiente de aprendizagem por meio do qual alunos compartilhem experiências significativas que vão além da simples informação unilateral, característica típica dos espaços de salas de aulas tradicionais (OBLINGER, 2006).

A intenção não é depreciar o modelo de sala de aula tradicional de ensino, o qual ainda assume um papel relevante no processo de aprendizagem, mas ressaltar que existem outros aspectos da aprendizagem presentes num ambiente que devem ser considerados um viés construtivista por ser de grande relevância no processo de ensino-aprendizagem. Uma dessas

ênfases é dada aos conhecimentos prévios dos sujeitos, não somente ao conhecimento aprendido anteriormente, mas as ideias espontâneas fruto das vivências que por vezes decorrem dos conceitos científicos (JÓFILI, 2002).

Em um sentido mais restrito, um espaço físico de sala de aula é visto como um ambiente de aula convencional, no qual normalmente se tem uma linha de visão, uma boa acústica, uma boa iluminação e um ponto focal na parte da frente da sala (LOMAS; OBLINGER, 2006). E, em um sentido mais amplo, além de contar com uma combinação estrutural que facilita as interações formais e informais de aprendizagem e uma orientação dos métodos de trabalho ao contexto, tem a sua disposição um conhecimento que tem lugar dentro e fora do contexto dessa aprendizagem proporcionado pelas experiências vividas (KUUSKORPI; FINLAND; GONZÁLEZ, 2011).

O OPPA conta com uma programação de atividades próprias desenvolvidas ao longo dos semestres e reuniões mensais com os participantes, as quais recebem apoio e colaboração tanto de docentes e discentes vinculados ao programa de pós-graduação da instituição quanto de discentes da graduação. Dentre as inúmeras atividades de pesquisa realizadas pelo observatório, destaca-se o planejamento de uma ação docente em que ensino e pesquisa são indissociáveis, a partir do planejamento e difusão de ações de aprendizagem na disciplina de Processo Decisório e Desenvolvimento Gerencial ofertada aos alunos do 8º semestre do curso de Administração da UFPB e ministrada pelo coordenador do projeto em parceria com uma professora substituta do departamento do curso de Administração da própria instituição. O destaque dado, especificamente, a esta atividade em particular do observatório deve-se ao fato desta ter adotado como metodologia de formação, uma abordagem de aprendizagem balizada por estratégias de ensino ativas, além de utilizar o espaço físico do observatório para a construção do processo de ensino-aprendizagem dos alunos matriculados durante o semestre na disciplina, a partir da disseminação de ações para o desenvolvimento da capacidade de reflexão, do nível de autonomia e autodirecionamento, e de despertar a necessidade de cada aluno desenvolver o pensamento reflexivo.

A disciplina foi idealizada de acordo com parâmetros curriculares estabelecidos no projeto pedagógico do curso de Administração atendendo as diretrizes estabelecidas, uma vez que o diferencial reside na forma como foram ministrados os conteúdos programáticos e as estratégias que foram vinculadas as temáticas de estudo, na criação de um ambiente de ensino que possibilitaria uma maior relação com o contexto a ser experienciado estruturalmente no observatório. Dentre as várias estratégias de ensino vivenciadas pelos alunos durante a disciplina pode-se citar a elaboração e utilização de desenhos em quadrinhos com o objetivo de representar, de forma mais interativa e dinâmica, a teoria com possíveis situações da prática profissional; painéis de notícias; mapas conceituais; entre outras atividades desempenhadas no intuito de aliar a aprendizagem, a prática profissional e o ambiente de aprendizagem do observatório.

A seguir são apresentados os procedimentos metodológicos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo objetiva descreve as contribuições do ambiente de aprendizagem projetado no OPPA nas experiências vivenciadas pelos alunos de graduação em Administração. Por ser um estudo de base qualitativa buscou-se compreender como as pessoas interpretam suas experiências, e os significados que as atribuem (MERRIAM, 2009).

A pesquisa foi realizada com os alunos do 8º semestre do curso de Administração da UFPB, matriculados na disciplina processo decisório e desenvolvimento gerencial no primeiro semestre de 2015, totalizando 30 alunos. Ao adotar uma abordagem qualitativa, os instrumentos de coleta dos dados foram: a entrevista individual com 15 alunos selecionados

pela técnica bola de neve (quando um indica outros) e o grupo focal, realizado em três seções de cinco alunos cada. As entrevistas tiveram duração de 45 minutos cada em média, e os grupos focais 58 minutos cada. A aplicação do grupo focal contou com a presença de um mediador e um observador (FLICK, 2009; OLIVEIRA, FREITAS, 2006).

O roteiro da entrevista individual foi elaborado com seis perguntas, considerando a temática sobre o ambiente de aprendizagem, que envolve os aspectos físicos, interacionais e contextuais. Já o roteiro da entrevista em grupo, teve como objetivo confirmar ou reconfigurar os achados da fase um e por isso teve três perguntas. Nestas oportunidades, os alunos foram incentivados a relatarem suas experiências de aprendizagem no OPPA, com intuito de identificar as experiências vivenciadas neste ambiente de aprendizagem e suas contribuições na aprendizagem e no processo de formação destes indivíduos. A Figura 03 expõe as decisões que guiaram o roteiro.

Dimensão	Categorias	Subcategorias
Ambiente		Como se caracteriza
	Físico	Como contribuiu
	Interacional	Experiências vivenciadas
	Contextual	Sensações percebidas

Figura 03. Dimensões, categorias e subcategorias da pesquisa.
Fonte: Elaboração própria (2015).

A coleta de dados foi realizada em 2015, de acordo com a disponibilidade dos alunos. Os dados coletados foram gravados em meios digitais, transcritos e protocolados a fim de possibilitar a análise. Houve duas auditorias de transcrição realizadas pelos autores a fim de minimizar erros ou interferências no processo. Os protocolos foram analisados por meio da análise do conteúdo.

Os dados que resultam de uma análise de conteúdo são como “variáveis independentes que explicam as coisas” (BAUER; GASKELL, 2002, p.192). Esta análise foi realizada sob um ponto de vista semântico, a fim de investigar sob o que diz o texto coletado (BAUER; GASKELL, 2002) e foi organizada com base em Bardin (2011) ao utilizar as fases de pré-análise, exploração do material, e tratamento dos dados com interpretação. A fase de pré-análise ocorreu na definição do objetivo da coleta de dados, e as perguntas que auxiliaram na investigação, expostas na Figura 03.

Em seguida foi realizada a fase de exploração do material, que segundo o autor, se refere a “aplicação das decisões tomadas” na etapa anterior (BARDIN, 2011, p. 131). Assim, essa fase foi a de coleta das entrevistas. Depois da transcrição foi possível realizar as ações de protocolo codificado com intuito de reduzir o documento em pontos que interessam a pesquisa. Logo em seguida, foram encontrados trechos mais significativos que estavam diretamente relacionados às categorias. Assim, foi possível delimitar o escopo da seção 4, que resume estas etapas, e que possibilita a passagem para a última fase: a de interpretação de acordo com Bardin (2011).

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao realizar as entrevistas e iniciar o processo de análise é possível perceber que os alunos revelaram eventos vivenciados durante a disciplina Processo Decisório e Desenvolvimento Gerencial que envolvem aspectos comportamentais, de valores, sentimentos, desafios e até superação.

Foi possível perceber que a entrevista ajudou os alunos a refletirem sobre seu papel como alunos, profissionais e indivíduos que participam de um processo de formação, assim,

foi possível destacar reflexões realizadas ao longo da entrevista que, na maioria das vezes geraram sentimentos de alegria, superação, reconhecimento e reflexão.

As subseções a seguir são enunciadas por meio dos dados com vistas ao objetivo da pesquisa. Ao realizar as transcrições, foi atribuído aos estudantes a sigla A, que indica aluno, em seguida o número da entrevista, e o número da pergunta. Assim, o conjunto “A10.2” por exemplo, indica o décimo aluno entrevistado na segunda pergunta.

4.1 “Deve permitir uma interação professor e aluno, deixando-os à vontade para construir um relacionamento A3.1”.

Os participantes do presente estudo foram inicialmente questionados sobre a percepção deles quanto à um ambiente favorável à aprendizagem. E, embora que o direcionamento da pesquisa está no ambiente de aprendizagem, os relatos causaram surpresa, uma vez que todos envolveram aspectos, sociais do ambiente. Os alunos deixaram evidente nos seus relatos que um ambiente de aprendizagem, deve proporcionar a interação entre professor-aluno, e aluno-aluno de modo a permitir a troca de experiências e conhecimento, por meio de relacionamentos baseados na confiança e respeito.

Isto pode ser observado nos relatos que seguem.

“Para mim o ambiente favorável à aprendizagem deve primeiramente permitir uma interação professor e aluno, deixando-os à vontade para construir um relacionamento e depois as questões da própria estrutura também podem influenciar, mas que não é o primordial para mim. Sala adequada, as próprias instalações de luz, ar, os componentes até eletrônicos no qual os professores usam para passar o conteúdo, mas isso é em segundo plano **A3.1**”.

“Eu acho que um espaço que seja bem estruturado, onde os equipamentos funcionem, e que, permita a interação não só entre aluno e professor, como aluno e aluno e com os outros alunos ao redor, que seja algo bem dinâmico **A9.1**”.

Em um ambiente de aprendizagem à estrutura física faz referência aos espaços, equipamentos e ferramentas de dentro da instituição (KUUSKORPI; FINLAND; GONZÁLEZ, 2011) como, por exemplo, um espaço adequado, com decoração atraente e mobiliária utilizável. Em termos de espaços não se deve pensar tão somente na sala de aula, mais também em bibliotecas, laboratórios, diferentes tipos de ambientes, entre outros, que sejam cuidadosamente projetados para um tipo específico de aprendizagem (WEDAMAN, 2014). O ambiente é projetado de modo a permitir a interação constate entre aluno-professor e um ensino voltado à interdisciplinaridade de modo a impulsionar o desenvolvimento do conhecimento (OBLINGER, 2006).

O OPPA, segundo os relatos dos alunos, contribuiu e facilitou a troca de experiências. Sob o olhar do espaço físico, este ambiente impulsiona no processo de aprendizagem a integração e compartilhamento dos alunos ao longo das aulas, uma vez que a disposição dos móveis e equipamentos, e o espaço de movimentação do professor, proporcionam aproximação entre alunos-alunos e alunos-professores. Neste sentido, os alunos apontam que o espaço físico contribuiu para romper a timidez, já que são levados a falar; no comportamento mais adequado para sala de aula, no qual ele (o aluno) está inserido no processo e não tem somente a figura passiva no espaço de aprendizagem.

“Os posicionamentos dos alunos mudam por incrível que pareça, o comportamento não é tão desleixado, tão desatencioso, o comportamento é mais dedicado digamos assim, eu acho que é

porque os alunos começam a si enxergar um pouquinho de igual para igual sabe, atuando mais ativamente **A4.5**”.

“Bem pra mim individualmente o OPPA trouxe um desafio, eu não sou muito de fazer atividades em grupos, geralmente ajudar para uma prova, eu prefiro fazer mais uma análise de forma individual, isolada. Então, o ambiente do OPPA por ter aquela disposição física ali, trazia em mim uma necessidade de compartilhar de também ouvir as ideias das pessoas então, ele meio que me trouxe uma necessidade de agregação com as pessoas para o entendimento dos conteúdos e também de ser um pouco mais cooperativo e aberto a opiniões de terceiros então, é isso! **A5.4**”.

O comportamento de cada ser humano é moldado pelos padrões cultural do grupo ao qual se encontra vinculado, padrões coletivos que determinam seu modo pessoal de agir, de sonhar e aspirar eventuais realizações (MERRIAM; CAFFARELLA; BAUMGARTNER, 2007), uma vez que permite refletir a respeito da forma como são construídas suas relações com o mundo físico e social no qual vivem. Embora ocupem um mesmo ambiente físico social cada sujeito desenvolve relações diferenciadas com o meio culturalmente (RIBEIRO; CAVASSAN, 2013).

Desse modo, foi percebido que o OPPA provoca o comprometimento com o ambiente por meio da participação nas aulas e atividades; auxilia na comunicação, pois ao sentir mais envolvido com o processo o aluno precisa se posicionar e argumentar mais por meio da apresentação das atividades e exposição de ideias; ao integrar diferentes pessoas no processo de aprendizagem auxilia na convivência com as diferenças pessoais o que provoca reflexão e mudança no comportamento, e ainda foi apontado pelos alunos que o ambiente auxilia na tomada de decisão gerencial já que essa foi a temática que balizou as atividades, o conteúdo e as reflexões.

“A forma em que a sala foi pensada, as mesas dispostas ao invés das tradicionais carteiras, tudo isso contribui para a discussão e reflexão das demais pessoas que estão na sala. Gosto muito quando trago experiências vividas no estágio e posso discutir do lado de algum colega enquanto outra pessoa que está ao meu lado opina sobre tal fato. No OPPA também é extremamente mais fácil fazer trabalhos em grupo, dinâmicas e apresentações, pois todas as pessoas ficam mais próximas e conseguem falar e serem ouvidas **A6.5**”.

“O professor tem mais acesso a todos os alunos, a forma em que as mesas foram pensadas para acomodarem mais pessoas, o esquema de grupos nas mesas ao invés de carteiras faz com que todos possam ficar discutindo sobre a aula e trocando experiências. Tudo isso contribui positivamente para a minha reflexão **A6.2**”.

“Acho que aquele ambiente proporcionava isso de, olhar para todo mundo, falar pra todo o mundo e as dinâmicas que incluíam todo mundo fez com que, até as coisas que pareciam mais simples trouxessem o debate, todos os alunos debatessem e traziam as experiências que a gente tinha pra aquele assunto que a gente tava estudando que também é algo que é bastante difícil no nosso curso né? vê a prática **A2.3**”.

“Bem no OPPA o próprio layout da sala favorece uma forma de aula mais aberta e compartilhada com mesas não separadas e individuais, mas sim fazia com que se sentíssemos menos talvez envergonhados em compartilhar algo **A3.2**”.

As escolhas do mobiliário que compõe o ambiente físico da sala de aula devem receber o mesmo tipo de atenção dado à escolha dos livros e materiais didáticos que serão utilizados no processo de aprendizagem, assim como a decisão sobre a disposição do *layout*, da colocação dos móveis para o trabalho em equipe. O foco deve ser a criação de espaços de estudo e reflexão que apoiem o fomento do conhecimento e a construção do currículo em desenvolvimento (OBLINGER, 2006). Por isso apontam que, “deve permitir uma interação professor e aluno, deixando-os à vontade para construir um relacionamento **A3.1**”

4.2 “Vou levar comigo além da muralha da Universidade”

O OPPA, por ter uma disposição de cadeiras e mesas móveis, planejadas para diversas composições de *layout* possibilitou a execução de atividades variadas que na maioria das vezes, proporcionava o relacionamento em grupo e com pessoas diferentes. A adaptação do mobiliário as diferentes maneiras e métodos de trabalho devem contribuir para apoiar a aprendizagem individual e em grupo por meio de estações de trabalho e áreas modulares com assentos confortáveis, versáteis, resistentes, duráveis e fáceis de reparar (KUUSKORPI; FINLAND; GONZÁLEZ, 2011). Proporcionado assim espaços que fomenta a interação em grupo e o convívio social frequente entre diferentes indivíduos (OBLINGER, 2006).

Assim, as experiências mais relatadas pelos alunos envolvem aspectos dessas situações em que foram incentivados a trabalhar com objetivos comuns ao lado de pessoas diferentes.

Os relatos a seguir reforçam essa percepção.

“Foram várias experiências e várias emoções [...] o que mais marcou foi uma metodologia que o professor utilizou, quando ele escolheu o grupo, e, a gente foi trabalhar com pessoas que talvez a gente nem tem muita afinidade mais que a gente acabou descobrindo, o que aquela pessoa tem de importante. A gente percebe que há uma evolução há um crescimento cognitivo, quando a gente trabalha com pessoas diferentes. Outra atividade que a gente vivenciou lá também, que marcou bastante foi a questão da ancoras de carreira, a gente trocou muitas ideias lá no OPPA e pode aprender bastante qual o perfil de cada um e o que tal pessoa mais se identifica. Foi bem legal também uma que agente trabalhou o tipo de aprendizagem de cada né? e, o resultado que a gente recebia diante do que a gente respondia, então, assim são técnicas, eu vejo como técnicas que ajudam a gente como estudante, e, organizar melhor o nosso perfil profissional e orientam a seguir um caminho que proporciona mais satisfação pessoal e profissional **A14.2**.”

“Naquele dia pelas mensagens que a gente recebia do nosso colega e assim foi totalmente aberto, ninguém teve má intenção de ofender o colega ao contrário, aquilo ali, trouxe uma reflexão para minha vida pessoal de maneira absurda assim ajudou na minha vida não só lá na universidade, mas assim na minha vida pessoal eu comecei a ver com outros olhos, com outro olhar nas pessoas e a minha forma de aprendizado, entendeu? **A1.4**”

“Bem foram várias experiências, as que eu poderia destacar foram situações em que houve discussões, a turma foi dividida em grupos e houve discussões que permitiram um enriquecimento do conteúdo e também de melhor compreender os conceitos aplicados, outras atividades como a confecção de tirinhas também para melhor fixar o conteúdo e também a apresentação de vários conteúdos pertinentes a disciplina, recordo também que a gente fez cartazes que inclusive o meu grupo foi o vencedor, e também eu participei de algumas discussões um pouco mais calorosas defendendo meu ponto de vista e também buscando entender o ponto de vistas dos meus companheiros **A5.2**”

“Experiências das quais eu vivenciei lá no OPPA eu vou levar comigo além da muralha da universidade né? Pra uma vida profissional que é justamente essa liberdade que eu vivi na disciplina, do fato de ter essa participação de ambos os lados, o professor acaba nos deixando muito a vontade e nos dando uma certa liberdade para que não tenhamos medo de participar e aí venhamos até a errar. Outra coisa que pra mim foi marcante, é a questão do trabalho em equipe apesar de gostar dessa atividade de trabalhar em grupo e tudo, mas foi uma experiência incrível o fato do professor não deixar que a gente forme os grupos né? Então, isso foi realmente um ponto marcante pra mim e que eu aprendi a trabalhar, porque querendo ou não no decorrer de toda uma graduação você sempre forma grupos [...] que a gente prefere trabalhar e é muito interessante essa forma que ele trabalha com a gente e que ele nunca repete os grupos e ele faz questão de pegar pessoas com particularidade assim distintas, que é justamente pra que um venha a ajudar o outro, então realmente a partir desse momento que a gente vive essas particularidades que a gente acaba fazendo um trabalho bom **A15.2**”

Um ambiente de aprendizagem deve enriquecer o desenvolvimento do aprendizado dos alunos de forma a possibilitar o compartilhamento e a trocas de experiências significativas que vão além da informação unilateral característica de um espaço de sala de aula típica, expandindo-se contextualmente no intuito de criar oportunidades de aprendizagens que promovam e fomentem encontros que gerem algum aprendizado e reflexão (OBLINGER, 2006). Desse modo, é possível por meio dos relatos, destacar que, a maioria das experiências estão ligadas ao trabalho em grupo, a troca de ideias, a atividades que envolveram a tomada de decisão em grupo e individual. Estas experiências levaram os alunos a refletirem sobre seus papéis como estudantes, profissionais e colegas que precisam interagir com os demais para aprender, por isso, explicam que ultrapassa as fronteiras da Universidade. A seguir são apresentados aspectos relacionados ao contexto psicológico vivenciado pelos alunos.

4.3 “Sentia aquela liberdade de querer falar e de ser ouvida A1.5”

Antes de começar as atividades no OPPA, os alunos explicam que o professor da disciplina informou sobre os pesquisadores que estariam observando ao longo das atividades. Um respondente, relatou na entrevista que no começo ficou surpresa em saber que seria observada, isso causou certo “choque” para se acostumar com a ideia.

Com o tempo, e de maneira bem rápida, os alunos esqueceram que tinha pessoas observando e ao se envolver com as atividades todos (não somente a maioria) relatam que a principal sensação foi de liberdade. Isso se dá por diversos motivos. Os elementos físicos e sociais já apontados ao interagirem num ambiente de aprendizagem proporcionou aos alunos um ambiente livre do medo de errar, de falar e aprender. Como resultado os alunos, sentem-se livres no processo de aprendizagem, mesmo quando as características pessoais não envolviam aspectos de falar em público e se expor, e expressaram que:

“A gente pode vivenciar fortes emoções, eu digo isso por mim, eu vivenciei fortes emoções quando determinado tema, e, de maneira até involuntária, sentia aquela liberdade de querer falar de ser ouvida, até porque eu me considero uma aluna um pouco retraída, mas assim talvez, no OPPA aconteceu momentos em que eu realmente senti aquele impulso de, ah eu vou falar sobre isso, talvez isso aqui seja importante e assim o sentimento que eu tive foi de liberdade, que dá vontade, de poder falar, de contribuir, então assim eu me emocionei muito **A1.5**”.

“Bem logo no começo um pouco de vergonha, com um sentimento de estranheza pela nova forma de aula, mas depois me senti a vontade e tranquilo sem aquela pressão de estar sozinho em uma cadeira individual e todos olhando pra você, mas sim agora todos juntos em uma única mesa **A3.3**”.

“A gente acabou saindo daquele ambiente tradicional e partindo pra um completamente inovador em que até a própria mobília da sala do OPPA nos dá essa liberdade que eu acabei dizendo que realmente foi fantástico como também essa questão do trabalho em equipe até a socialização ali da turma então assim, o fato da gente ter saído até do tradicionalismo daquelas cadeiras empilhadas, enfileiradas ali aquela questão do individual né? Então, realmente proporciona essa questão da liberdade que é fundamental, então realmente essa questão do espaço físico do observatório em si foi fundamental pra essa experiência que a gente viveu **A15.4**”.

A questão da liberdade é algo que merece destaque no trabalho, uma vez que em todos os momentos os alunos relatam essa sensação. Ambientes que proporcionam experiências, que estimulam sentidos, que encorajam o intercambio de informações, e que oferecem oportunidades para *feedback* são mais propensos a apoiar a aprendizagem, ao criar contextos nos quais o aluno sintase livre para expor suas impressões, opiniões e questionamentos (OBLINGER, 2006).

A seguir é apresentada a Figura 04, que sintetiza os achados explicados anteriormente e que auxilia na compreensão geral das experiências vivenciadas pelos alunos, relacionadas ao ambiente de aprendizagem do OPPA.

Dimensão	Categorias	Subcategorias	Significados
Ambiente	Físico	Como se caracteriza	Ambiente que possibilita a interação do professor- aluno, e aluno-aluno proporcionando momentos dinâmicos por meio da troca de conhecimento e experiências. No tocante aos aspectos físicos, trata-se de um ambiente climatizado, com cadeiras confortáveis, iluminação adequada e acesso à rede intranet.
		Como contribuiu	Troca de experiências, romper a timidez, integrar alunos e professores, provoca necessidade de discussão e trabalho em grupo e de compartilhar, na comunicação, aceitar as diferenças, trabalhar com pessoas que não tem afinidade, comportamento mais apropriado para um debate, descontração, na tomada de decisão e visão ampla.
	Interacional	Experiências vivenciadas	A maioria das experiências está ligada ao trabalho em grupo, troca de ideias, atividades que envolveram a tomada de decisão em grupo e individual e depois uma apresentação final. Estas experiências levaram os alunos a refletirem sobre seus papéis como estudantes, profissionais e colegas que precisam interagir com os demais para aprender.
	Contextual	Sensações percebidas	Sensação de aproximação com o professor que não dá medo, liberdade de expressão, segurança, conforto, pouco de timidez e depois de tranquilidade e união, aprendizagem mais prazerosa pelo contato com os outros e pela liberdade.

Figura 04. Significados da pesquisa.
Fonte: Elaboração própria (2015).

Ao analisar os dados, foi possível observar que os alunos apontam as diferenças de um ambiente como o OPPA e uma sala de aula tradicional. Essas diferenças são relacionadas, inicialmente, aos aspectos físicos tais como ar-condicionado e cadeiras:

“Climatizado! principalmente no Nordeste que se tiver muito calor dificulta, a gente acaba não prestando a atenção, e as cadeiras com conforto **A2.1**”, equipamentos e iluminação “e tem um data show de qualidade e você pode apagar as luzes pra enxergar melhor **A8.5**” “OPPA não tem aquela claridade toda que na sala da gente tem **A10.5**”.

E, depois são colocados os aspectos em que o ambiente contribui na socialização com os pares.

“Eu acho que o OPPA proporciona essa descontração para o aluno, e só contribui para que a gente possa aprender mais ainda, a gente sente mais à vontade com o professor, enfim com todo mundo **A2.5**”.

Dessa forma, resumimos na Figura 05 as diferenças, os aspectos e características apontados pelos alunos-sujeitos da pesquisa.

Espaço de sala de aula tradicional	Ambiente de aprendizagem OPPA
Requer apenas a participação do professor	Requer a participação ativa de todos
Sensação de prisão	Sensação de liberdade
Medo de errar	Aberto ao erro
Dá sono	Prende a atenção do aluno
Aluno participa se quiser	Aluno sente vontade de participar
Desmotivação à participação	Motivação à participação
Layout que facilita a individualização	Layout que facilita a troca de experiências
Ambiente que dificulta o diálogo	Ambiente propício ao diálogo
Dificulta a integração	Proporciona integração

Figura 05. Diferenças apontadas na pesquisa.
Fonte: Elaboração própria (2015).

Na visão dos alunos, ambos os espaços físicos de sala de aula tradicional e o ambiente de aprendizagem do OPPA possuem configurações tanto estruturais como metodológicas de ensino-aprendizagem que exercem influências no processo de aprendizagem dos mesmos, configurações que são traduzidas desde a visão do professor como único responsável pela transferência do conhecimento, na definição comportamental e na maneira como as experiências são vivenciadas em sala de aula. Essa configuração do espaço convencional descrito pelos entrevistados viabiliza a projeção de dois contextos vivenciados por estes durante sua formação como futuros Administradores antes e depois disciplina de Processo Decisório e Desenvolvimento Gerencial. Os elementos destacados acerca da configuração deste espaço são sintetizados pelas Figuras 06 e 07.

Na figura 06 é possível visualizar a configuração dimensional relatada acerca do espaço físico de sala de aula vivenciados pelos alunos antes da disciplina de Processo Decisório e Desenvolvimento Gerencial, uma estrutura na qual os alunos apresentam certo distanciamento da figura do professor que é visto como executor e ponto central na transferência do conhecimento, sendo o espaço físico visto apenas como elemento secundário uma vez que era o único ambiente que conheciam e tinham experienciado. Ao descrevê-lo além de destacar a figura do professor como ponto central do processo e seu distanciamento do alunos, estes descrevem ainda o espaço físico como um meio rígido e limitante para sua aprendizagem.

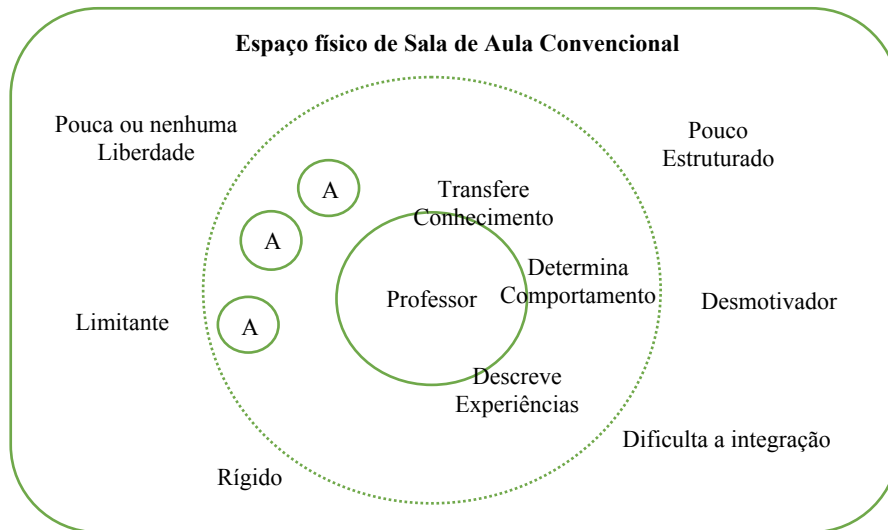


Figura 06. Espaço Físico de Sala de Aula Convencional.
Fonte: Elaboração própria (2015).

Nesse contexto o conhecimento é construído de modo que os sujeitos sejam instruídos e ensinados por meio de explanações expositivas e demonstrativas de conteúdos, em que o agente da ação representado pela figura do professor realiza a transmissão do conteúdo programático estipulado por uma matriz curricular, específica, condicionada a um contexto pré-determinado. O sujeito de atuação participante desse espaço físico representado pela figura do aluno é visto como um receptor passivo que inicialmente adquire as informações e as reproduz a outros que ainda não as possuem, além de sua aplicação nos mais diversos contextos.

Em contrapartida a essa visão, tem-se o ambiente de aprendizagem projetado no OPPA (Ver Figura 07) que de acordo com os relatos dos entrevistados apresenta além do ambiente físico como um elemento com características próprias preponderante na construção do conhecimento e como ponto central e, fundamental no processo de ensino-aprendizagem ao viabilizar elementos como a liberdade de se expressar sem repressão, a promoção de um ambiente dinâmico, descontraído e motivador, ressaltando ainda em seus relatos a maior relação de proximidade entre professor e alunos, além da visão do ambiente como um todo, na responsabilidade pela construção do conhecimento, da mudança comportamental e atuação como transformador social e profissional dos mesmos.

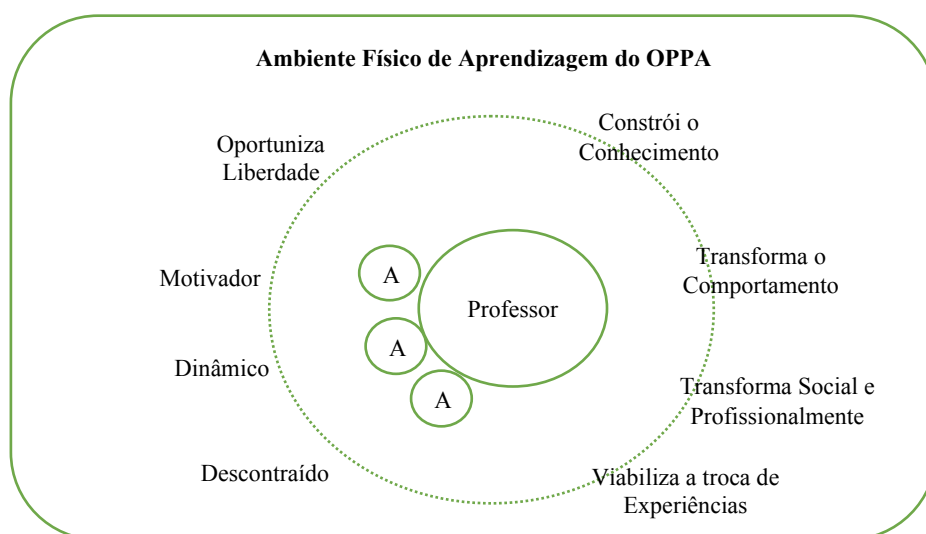


Figura 07. Ambiente Físico de Aprendizagem do OPPA.
Fonte: Elaboração própria (2015).

As suas falas revelam ainda que o ambiente exerce influência no processo de aprendizagem, provocando sensações estimuladoras e participativas em sala de aula. Esta influência se dá ao permitir que os estudantes possam trocar experiências, dialogar com os demais colegas e auxiliar no andamento da aula. Além disso, o OPPA proporciona conforto, sensação de segurança e tranquilidade nos momentos vivenciados, o que permite e auxilia na concentração, na criatividade e até nos processos de reflexão.

Foi observado também, que o OPPA ao permitir um *layout* de mesas e cadeiras flexível, uma vez que podem ser removidos com facilidade de um espaço ao outro, proporciona ambientes diferenciados e planejados para as diversas atividades que ocorrem em sala de aula, seja individualmente, em pequenos ou grandes grupos. Além disso, a disponibilidade de uma rede de internet segura e permanente, uma lousa digital com estrutura de som e imagem completas e quadros brancos, os alunos e professores sentem-se motivados a proporcionar a experiencição de momentos diferentes ao longo das aulas. Esses momentos tornaram-se significativos no processo de aprendizagem, pois auxiliaram na absorção, estruturação e reflexão dos conceitos aprendidos, das situações e experiências trocadas.

Outro ponto importante observado foi a contribuição do espaço em estratégias de ensino que aproximam a teoria da prática e auxiliam na formação profissional dos estudantes de administração, tais como mapa conceitual, desenhos em tirinhas, simulações e painel de notícias. Assim, por meio de relatos, é possível concluir que as experiências ocorridas por meio de um ambiente de aprendizagem centrado na aprendizagem do aluno proporcionado no OPPA contribuíram significativamente na aprendizagem, formação e a atuação profissional dos alunos envolvidos na pesquisa.

Na seção seguinte são feitas algumas considerações finais a respeito do presente estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento, na concepção epistemológica construtivista, é entendido como uma relação de interdependência entre sujeito e meio, no qual a aprendizagem é construída a partir da ação do sujeito, em um sentido de estruturação e explicação do que é vivenciado a partir da interação com o contexto, de modo a criar por meio das trocas sociais, o ambiente necessário para o desenvolvimento do pensamento e da reflexão. Desse modo, se o intuito é desenvolver ao máximo a capacidade de aprender do ser humano não bastaria apenas estudar como se configura a construção do conhecimento, mas também como se configura estruturalmente esse ambiente e suas implicações sobre o processo de ensino-aprendizagem. Assim, os alunos do 8º semestre do curso de Administração da UFPB tem a oportunidade de vivenciar as experiências de aprendizagem e de refletirem sobre suas percepções, sentimentos e opiniões em relação ao ambiente de aprendizagem do OPPA.

Este estudo revelou que as transformações de espaços físicos de aprendizagem em ambientes de aprendizagem devem dar suporte a atividades multidisciplinares, por meio de ações de ensino que valorizem o sentimento de pertencimento a um contexto social, que valorize a participação e a interação entre os agentes envolvidos (professor e alunos), buscando reduzir as limitações do espaço tradicional da sala caracterizado neste estudo que pode restringir o processo de formação desses indivíduos, e inseri-los no ambiente de aprendizagem que envolva aluno, professor e conhecimento, que incorpore as dimensões físicas, interacional e contextual, permitindo a vivência de situações ricas em aprendizagem e que sejam capazes de tornar o processo significativo para o professor e para os alunos.

Por fim, as transformações de espaços físicos de aprendizagem detêm imensos desafios e apresentam ainda oportunidades não imaginadas. Nossa compreensão acerca de como os alunos aprendem demanda a percepção de que o processo envolvem um conjunto de

dimensões de um sistema de aprendizagem em ação (SILVA, 2014), que considera o ambiente de aprendizagem um mediador determinante para a aprendizagem dos alunos.

A principal contribuição deste estudo é a proposição de um *design* de ambiente de aprendizagem que fomentem a aprendizagem dos alunos e que considere os aspectos físicos, interacionais e contextuais como determinantes no processo de formação do Administrador.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUER, M. W. e GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. Petropolis/RJ: Vozes, 2002.
- CONSUEGRA, E.; ENGELS, N.; STTRUYVEN, K. Beginning teachers' experience of the workplace learning environment in alternative teacher certification programs: a mixed methods approach. **Teaching and Teacher Education**, v. 42, pp. 79-88, 2014.
- DART, B.; BURNETT, P.; BOULTON-LEWIS, G.; CAMPBELL, J.; SMITH, D.; MCCRINDLE, A. Classroom learning environments and students' approaches to learning. **Learning Environments Research**, v.2, pp. 137-156, 1999.
- DAY, K. Creating and sustaining effective learning environments. **All Ireland Journal of Teaching and Learning in Higher Education – AISHE**, v.1, n.1, 2009.
- DORMAN, J. P. Classroom environment research: progress and possibilities. **Queensland Journal of Educational Research**, v. 18, pp. 112-140, 2002.
- DORMAN, J. P.; FISHER, D. L.; WALDRIP, B. G. **Classroom environment, student's perceptions of assessment, academic efficacy and attitude to science a lisrel analysis**. In: NARST 2006, Annual Meeting: Learning Science in Formal and Informal Contexts, 3-6 April 2006, San Francisco, CA, USA.
- FENWICK, T. J. **Learning through experience: troubling orthodoxies and intersecting questions**. Florida: Krieger Publishing Company, 2003.
- FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artemed, 2009.
- HANNAFIN, M. J.; LAND, S. M. The foundations and assumptions of technology-enhanced student-centered learning environments. **Instructional Science**, v. 25, pp. 167-202, 1997.
- JÓFILI, Zélia. Piaget, Vygotsky, Freire e a construção do conhecimento na escola. **Revista Educação: Teorias e Práticas**, v. 2, n. 2, pp. 191-208, 2002.
- KOLB, A. Y.; KOLB, D. A. **Experiential learning theory: a dynamic, holistic approach to management learning, education and development**. In: ARMSTRONG, S. J.; FUKAMI, C. V. **The sage handbook of management learning, education and development**. SAGE Publications India Pvt Ltd, 2009.
- KUIJPERS, M.; MEIJERS, F.; GUNDY, C. The relationship between learning environment and career competencies of students in vocational education. **Journal of Vocational Behavior**, v. 78, pp. 21-30, 2011.
- LOMAS, C.; OBLINGER, D. G. Student practices and their impact on learning spaces. In: OBLINGER, D. G (Org). **Learning spaces**. Educause, 2006.
- LOYENS, S. M. M; GIJBELS, D. Understanding the effects of constructivist learning environments: introducing a multi-directional approach. **Instr. Sci.**, v. 36, pp. 351-357, 2008.
- MERRIAM, S. B. **Qualitative Research: a guide to design and interpretation**. San Francisco: Jossey-Bass, 2009.
- MERRIAM, S. B; BROCKETT, R. G. **The professional and practice of adult education: an introduction**. San Francisco: Jossey-Bass, 2007.
- MERRIAM, S. B; CAFFARELLA, R. S; BAUMGARTNER, L. M. **Learning in adulthood: a comprehensive guide**. 3. ed. United States of America: copyright, 2007.

- OBLINGER, D. G. Spaces a change agent. In: OBLINGER, D. G (Org). **Learning spaces**. Educause, 2006.
- OLIVEIRA, M.; FREITAS, H. Focus Group: instrumentalizando o seu planejamento. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DEMELLO, R.; SILVA, A. A **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2e. 2010, cap. 11.
- RADOVAN, M.; MAKOVEC, D. Adult learners' learning environment perceptions and satisfaction in formal education. Case study or four east-european countries. **International Education Studies**, v. 8, n. 2, 2015.
- RIBEIRO, J. A. G.; CAVASSAN, O. As quatro dimensões da relação homem-meio ambiente. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 8, n. 2, pp. 11-30, 2013.
- SILVA, A. B. Implantação de um sistema de aprendizagem-em-ação na educação em administração. CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico, **Editais Universal**, n. 14/2014.
- SILVA, A. B. Reflexões teórico-práticas de um sistema de aprendizagem-em-ação para a educação em administração. In: **Anais do XXXVIII Enanpad**, Rio de Janeiro: Anpad, 2014, v. 1, p.1-12, 2014.
- SILVA, A. B.; LIMA, T. B.; SONAGLIO, A. L. B.; GODOI, C. K. Dimensões de um sistema de aprendizagem em ação para o ensino em administração. **Revista de Administração Ensino e Pesquisa**, v. 13, n.1, pp. 9-41, 2012.
- SILVA, A. B. O contexto social da aprendizagem gerencial. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, n. 6, pp. 26-52, 2008.
- WARGER, T.; SERVE, E.; DOBBIN, G. Learning environments: where space, technology, and culture converge. **Educause: Learning Initiative**, 2009.
- WEDAMAN, D. Bridging the gap: building a learning environment in the workplace. **Educause: Learning Initiative**, 2014.